

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

Filozofická fakulta

Katedra romanistiky

Portugalská sekce

Fado do Século XX

Fado of the 20th Century

Bakalářská práce

Autor: Tereza Marková

Vedoucí práce: Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.

Olomouc 2017

Declaração

Declaro que elaborei a minha tese de Bacharel sozinha apontando todas as fontes utilizadas.

Olomouc, a 22 de Junho de 2017

.....

assinatura

Agradecimento

Gostaria de sinceramente agradecer à minha orientadora Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D. pelo o seu conselho, tempo, esforço valioso e pelas sugestões úteis à minha tese.

ÍNDICE

Introdução	5
1. Fado, a sua origem e o seu desenvolvimento.....	8
1.1. O que é fado	8
1.2. Teorias da origem.....	10
1.3. Temática do fado.....	11
2. Contexto histórico.....	13
2.1. 1840-1869.....	14
2.2. 1869-1930.....	15
2.3. 1930-1974.....	17
3. Representantes escolhidos	19
3.1. José Zeca Afonso	19
3.2. Adriano Correia de Oliveira.....	20
3.3. Amália Rodrigues.....	21
4. Análise das letras censuradas.....	22
4.1. As letras de José Zeca Afonso.....	23
4.2. A letra de Adriano Correia de Oliveira	29
4.3. A letra das canções de Amália Rodrigues.....	32
Conclusão.....	35
Resumé.....	37
Bibliografia	38
Anotace	40
Annotation.....	41

Introdução

O objetivo deste trabalho é caracterizar e descrever um fenómeno cultural português, o fado, no período do regime ditatorial salazarista do século XX. O fado é um estilo musical português que apareceu em Portugal nas ruas de Lisboa nas classes sociais baixa do século XIX. Entre os estilos musicais o fado se distingue graças à sua forma espontânea, elemental e cheia das emoções. Os seus intérpretes, os fadistas, cantam nas vielas, ruas, cafés, tabernas, nas casas de meia-porta e foram o acompanhamento típico durante as ocasiões como são as esperas de touros, os retiros e muitas outras. Na sua primeira fase o fado foi associado com a camada marginal da sociedade. Em virtude desta associação com a sociedade de classe baixa, o fado foi rejeitado pela maioria da sociedade intelectual. A origem incerta do fado e o seu desenvolvimento é o objeto de muitos estudos mas fala se menos sobre a sua posição na época do salazarismo¹.

Neste trabalho temos a intenção de apresentar três artistas desta época ditatorial, analisar os seus textos censurados e por meio desta análise explicar os motivos pelos quais estes textos foram censurados. Gostaríamos de mostrar que também no gênero como é o fado podemos encontrar os elementos revolucionários que podem refletir a situação política, as condições sociais ou os acontecimentos públicos do dado período. As canções do fado deste tipo chamam-se “canções de intervenção”. A denominação “canções de intervenção” começou a ser utilizada depois da Revolução dos Cravos em 1974 quando algumas destas canções censuradas tornaram-se os hinos da revolução. Até 1974 foi utilizado pelas canções deste tipo revolucionário o termo “música de contestação”. O outro objetivo que este trabalho tem, é apontar para a necessidade da arte cuja intenção é de nos informar, formar e inspirar à reflexão.

No primeiro capítulo vamos apresentar o fenómeno do fado, os seus tipos de ponto de vista geográfico, os seus tipos de ponto de vista musicológico e as teorias mais conhecidas da sua origem. No fim deste capítulo introduzimos as temas principais dos textos do fado durante o seu desenvolvimento. O fonte fundamental por esse capítulo é o livro do ano 1903, *História do Fado*, de Carvalho Pinto mas dado que o livro não é muito atual, as informações são comparadas com os outros fontes. O fonte muito valioso para este capítulo foi o livro de musicólogo Rui Vieira Nery, *Para uma História do Fado*, que foi publicado em 2004. Várias fontes indicam que existem cinco teorias da origem do fado: teoria afro-brasileira, marinheira, árabe e a teoria provençal. O mais popular entre portugueses é a teoria de mar, a teoria mais

¹ Salazarismo foi um regime político autoritário de Portugal dirigido por António de Oliveira Salazar (1933-1974).

idílica, que expressa bem a mentalidade e o caráter português porém como o mais provável esteja considerada a teoria afro-brasileira. Entretanto não é o nosso objetivo definir a qual teoria é a certa.

Na segunda parte apresentamos quase duzentos anos da história portuguesa para criar o contexto histórico do fado o qual nos ajudará formar uma análise dos textos escolhidos. Concretamente resumimos a história do Portugal do nascimento do fado no início do século XIX até os anos oitenta do século XX, precisamente até a Revolução dos Cravos do ano 1974. Este resumo contém as informações mais concretas sobre a vida e a política de António de Oliveira Salazar quem é a pessoa muito importante para a época do Estado Novo. Os fontes principais por esse capítulo são os livros *Dějiny Portugalska* e *Salazar tichý diktátor* do escritor checo, Jan Klíma.

A terceira parte dedica-se à apresentação das vidas e carreiras dos representantes escolhidos do fado: José Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira e Amália Rodrigues. Cada um destes três autores dedicou-se no fado mas o desenvolvimento das suas carreira foi desigual. A produção de Zeca Afonso e Correia de Oliveira era sem dúvida politicamente engajada mas Amália Rodrigues esteve o caso especial. Na sua produção predominam os temas que evitam o contacto com os temas políticos contudo é possível encontrar na sua obra algumas canções que foram censuradas por causa das suas ideias inaceitável para o regime. São as canções nos quais colaborou com dois poetas brasileiros, Caco Velho e Piraniti, e um poeta de Portugal. David Mourão Ferreira. Na década de 1970, Amália Rodrigues foi no desgosto do público porquanto circulavam os falsos rumores sobre a sua ligação com o regime e com Salazar ele mesmo. Estes opiniões eram absolutamente equivocados porque na verdade Rodrigues sustentava financeiramente e clandestinamente o Partido Comunista Português e tentava de apoiar e fazer tudo para liberação do seu grande amador e apresentador da sua música, Alain Oulman, quem foi preso pela PIDE por causa da sua actividade na luta antifascista em Portugal. Rodrigues reconquista a sua popularidade do povo português depois a Revolução dos Cravos quando cantou a canção significativo pela revolução *Grândola Vila Morena*. Durante o período da sua impopularidade foi Oulman mesmo quem defende a reputação de Rodrigues que foi associada com uma acusação da colaboração com o regime salazarista.

No capítulo final apresentamos uma (Fiuza, 2006) análise dos textos escolhidos para qual foi a fonte significativa o estudo de Alexandre Felipe Fiuza do ano 2006. O seu estudo dedicou-se a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970. Na sua tese resume os motivos que foram indicativos pelos censores como a

manifestação da negatividade contra o regime. Como o fonte secundário para a nossa análise foi utilizado o livro do musicólogo, Rui Vieira Nery que se chama *Para uma História do Fado*. O objetivo desta análise é encontrar os motivos precisas por causa dos quais as canções foram censuradas. Fazemos esta análise utilizando o contexto histórico, os conhecimentos das técnicas literárias e as informações sobre as causas dos quais os textos foram nos muitos casos censurados, mencionados na tese *Entre um samba e um fado: a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970* de Felipe Fiuza.

1. Fado, a sua origem e o seu desenvolvimento

“O Fado é um mistério. Nunca ninguém vai conseguir explicá-lo!”²

(Amália Rodrigues)

1.1. O que é fado

“No léxico português até a viragem para o século XIX o termo “fado” não designava qualquer realidade de natureza musical.”³ Durante a época do século XIX o termo fado, oriundo da palavra latina *fatum*, foi utilizado só como o sinónimo pelas palavras: o destino, a ventura ou a sina. Em geral, esta palavra foi utilizada para a designação da força que controla todos os acontecimentos e que não é dependente da vontade humana. Desde o ano 1822, o termo fado é utilizado em relação ao género musical português. Este género musical é hoje em dia considerado como a canção nacional de Portugal e como um dos apresentadores de “saudade”.

A palavra “saudade” é muito difícil de traduzir nas outras línguas mas podemos dizer que o saudade é geralmente a parte inseparável da identidade portuguesa. Esta palavra abrange a gama dos significados e dos sentimentos. Mais importantes destes significados são melancolia, solidão e mágoa. “O saudade pode ser lembrança grata de pessoa ausente, de um momento passado, ou de alguma coisa de que alguém se vê privado.”⁴ Predominantemente as canções populares apresentar um carácter lamentoso e amoroso. Segundo Pinto de Carvalho, os cancoes português são lamentosas, são raramente lascivas, pouco satyricas e falam quase da dor do amor.

Durante o desenvolvimento cultural os portugueses frequentemente imitaram os estrangeiros. Não só na literatura mas também na música e dança. “O fado faz a parte muito importante da cultura portuguesa e em 2011 foi inclusivamente considerado pelo UNESCO⁵ como património cultural e imaterial da humanidade”⁶. É a parte inseparável da identidade portuguesa mas a sua origem é ainda um campo pouco claro. Não é discutível que a palavra

² Amália Rodrigues, *O fado é um mistério. Nunca ninguém vai conseguir explicá-lo!* [em linha], <http://kdfrases.com> [consultado 18.3.2017].

³ Rui Vieira Nery, *Para uma História do Fado*, Público, 2004, p. 17.

⁴ “saudade”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/saudade> [consultado 4.4.2017].

⁵ UNESCO é a sigla de Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), [em linha], 2013-2017, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/siglas-abreviaturas/UNESCO> [consultado 4.4.2017].

⁶ Cf. Lucinda Canelas, *O Fado já é património cultural* [em linha], <https://www.publico.pt/2011/11/27/culturaipilon/noticia/o-fado-ja-e-patrimonio-mundial-1522758> [consultado 4.4.2017]

foi nascida por derivação regressiva do verbo “enfadar” mas há outras teses da origem desta palavra.

Primeiras menções do fado estão do fim do século XVIII quando se desenvolveu no Brasil colonial a dança cantada, chamada Fado. Sobre este tipo da dança chegamos a saber dos relatos dos viajantes estrangeiros do início do século XIX e também das obras de autores lusófonos deste período. Graças a estes relatos também sabemos que a origem da dança Fado é parcialmente africana. Este fado é diferente que o fado metropolitano de que falamos nesta tese. Do fado português metropolitano na forma qual conhecemos hoje em dia, se começa falar durante os anos quarenta do século XIX.

O fado como tal é habitualmente cantado por um solista que seja um homem ou uma mulher. Pelo fado o sexo não é determinante mas que é característico, é o seu acompanhamento musical. Na maior parte das vezes é acompanhado por uma guitarra clássica também chamada a viola ou por uma guitarra portuguesa. A guitarra predominava como o instrumento principal do acompanhamento do fado até ao tempo da introdução do piano.

Se falamos sobre o intérprete ou vocalista do fado é necessário esboçar um pouco a imagem desta pessoa. O vocalista do fado também chamado “fadista” é uma pessoa que canta o fado. O termo fadista pode ser também utilizado no sentido pejorativo expressando um desordeiro, rufião, uma pessoa que se fica na margem da sociedade. Graças a esta conotação negativa, o fado foi no seu início ligado com a sociedade marginal e com as pessoas quase perigosas. Visto que o fado foi do seu início cantado durante a noite nas ruas ou nas tabernas, as fadistas tinham habitualmente vestida de negro. Durante o seu desenvolvimento a roupa das fadistas variava-se segundo a classe social onde o fado foi cantado mas passo a passo a roupa das fadistas estabilizou. Até hoje as mulheres que cantam o fado são vestidas festivamente na saia preta e tem um xaile⁷ que segundo a sua opulência determinou a posição da fadista na sociedade.

De ponto de vista musicológico existem dois tipos do fado: fado rigoroso e fado corrido. No fado rigoroso é permitido ao intérprete de improvisar. Esta forma do fado admite as variações sobre a mesma melodia. Por outro lado, no fado corrido os guitarristas podem só tocar simplesmente o acompanhamento.

De ponto de vista geográfico existe o fado de Lisboa e de Coimbra. O fado de Lisboa é o fado tradicional que pode ser cantado tanto por homens como por mulheres. Fadistas de Lisboa maioritariamente cantam as canções lentas, lamentosas que narram as histórias dos bairros lisboeta, histórias amorosas, criminosas e todas outras que falam sobre os

⁷ O xaile é um cachecol oriundo da Índia que foi trazido pelos os marinheiros como o presente para seus mães, filhas ou esposas.

acontecimentos na sociedade. O outro tipo do fado é o fado de Coimbra. O fado de Coimbra foi trazido pelos estudantes de Lisboa para a cidade de Coimbra na segunda metade do século XIX e “é exclusivamente cantado por homens”.⁸ Este tipo do fado é um pouco diferente que o fado de Lisboa porque graças aos elementos regionais trazidos a Coimbra por estudantes de todo o país que estudaram na Universidade de Coimbra foi criada uma mistura da música tradicional. Típico pelo fado de Coimbra é o uso da guitarra portuguesa como o acompanhamento. Foi a cidade Coimbra mesmo onde começaram as lutas estudantis nas quais se participaram os nossos autores escolhidos, José Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira.

1.2. Teorias da origem

Como já mencionámos a origem do fado foi o objetivo dos muitos estudos. As teorias da sua origem começaram a aparecer nos anos noventa do século XIX e são discutidas até hoje. Não todas as teorias são plausíveis mas quatro destas teorias são consideradas como objetivas e justificadas. Gostaríamos de apresentar estas teorias não para definir qual está correta mas para mostrar a grande diversidade cultural que pode abranger o estilo musical como é o fado.

O mais antiga das teorias sobre a origem do fado é a teoria da origem árabe também chamada a teoria moura que menciona as semelhanças entre o canto do fado e entre as canções árabes melancólicas que foram trazidos para Portugal no século VIII quando os árabes chegaram ao território português. Os árabes ocupavam o território português mais ou menos quinhentos anos até à reconquista que começou em 868 no Porto e Braga e terminou com a retomada da cidade Faro em 1249. Contudo ao esta teoria contradiz o facto que o fado desenvolveu-se em Lisboa e não nas partes do Sul de Portugal que foram ocupadas pelos mouros.

O mais popular entre os portugueses é a teoria mais poética e idílica que expressa bem o carácter da nação portuguesa. Segunda esta teoria, o fado foi criado no mar. Esta teoria é defendida por exemplo pelo histórico, Pinto de Carvalho. Na sua obra *História do fado*, do ano 1903, explica a semelhança muito poética entre o mar e a música do fado. Sobre ele o fado graças à temática opressiva, lamentosa e gemida evoca ondas marítimas, o mar e as experiências das viagens marítimas dos marinheiros portugueses. As viagens marítimas fazem uma parte muito importante para a nação portuguesa porque esta época é relacionada com

⁸ Lusopresse, *Diferencas Entre Fados*, 2008 [em linha], <http://www.lusopresse.com/2008/179/cronica.aspx?Diferencas%20Entre%20Fados.htm> [consultado 4.4.2017].

uma grande riqueza e glória do país. O outro fator que Carvalho utiliza para confirmação desta teoria é que durante as viagens marítimas foi habitual que os marinheiros sentiam as emoções como o medo, a tristeza, a angústia, as lembranças da família, as saudades do país natal e da família e esta atmosfera é muito presente nas canções do fado. Hoje é essa teoria considerada como improvável mas não excluída. Os portugueses gostam de mencionar esta teoria porque querem fazer lembrar a época famosa dos descobrimentos ultramarinos da sua nação.

Uma outra teoria procura a semelhança entre o fado e a poesia medieval cantada durante a época do trovadorismo. Esta teoria polêmica sobre a origem medieval do fado e busca a sua relação com as cantigas e outros textos poéticos que foram apresentados na corte pelos trovadores e jograis no século XII e XIII. Alguns teóricos afirmam que existe a similaridade entre temática da poesia medieval que foi cantada nas cortes e entre a temática do fado que foi no início cantada nas ruas de Lisboa. Rui Vieira Nery nega esta teoria na sua obra *Para uma História do Fado*.

Segundo Rui Vieira Nery é mais provável a teoria afro-brasileira. Esta teoria consiste na possibilidade que o fado foi trazido pelos portugueses do Brasil para Portugal no século XIX, precisamente no ano 1821 quando a família real portuguesa retornou-se para Portugal. O facto fundamental que Rui Vieira Nery utiliza para sustentar esta teoria é que a palavra fado não foi utilizado em Portugal em relação com a música mas só como o significado da palavra “destino” por outro lado ao Brasil foi utilizado como o término pela dança brasileira, então na terminologia musical. A dança fado pertenceu entre não oficialmente chamadas “danças lascivas” como foi por exemplo também a dança “lundum” ou “lundu”, a “dança tipicamente africana, importada do Congo para o Brasil durante a época do escravidaio.”⁹ Não só o lundu, a dança brasileira, mas também a modinha, a dança portuguesa, é considerada como a inspiração para o fado. A origem da modinha é também pouco claro como a origem do fado. A similaridade entre o fado e essas danças é que eles não distinguem entre as classes sociais, são abertas pela toda gente.

1.3. Temática do fado

Foi o Alberto Pimentel que tentou de sistematizar os temas poéticos mais frequentes do século XIX. Segundo o seu resumo as fadistas mais frequentemente cantam sobre o amor, sobre o sofrimento das classes sociais, sobre os acontecimentos populares das ruas, sobre as

⁹ Ricardo Nicolay, *O fado de Portugal, do Brasil e do mundo: as teorias sobre a sua origem* [em linha], http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_20/contemporanea_n20_04_NICOLAY.pdf [consultado 28.4.2017].

morte de personagens célebres, sobre os conflitos políticos ou religiosos que provocam discussões na imprensa ou no parlamento, sobre as passagens da Bíblia, sobre os assuntos religiosos, sobre a história de Portugal, sobre as peripécias das touradas, sobre as cidades, os seus bairros e ruas.¹⁰ Mas geralmente as fadistas cantam as narrativas da vida quotidiana nos bairros de Lisboa sem quaisquer moderações. O fado era muitas vezes para expressão da crítica social.

Até a época do salazarismo as fadistas tinham a possibilidade de expressar quaisquer ideias, quaisquer sentimentos ou emoções mas com a entrada do regime salazarista tudo mudou. Com a censura durante o regime autoritário chega a restrição da liberdade da expressão e fado era bastante abusado para propaganda do Estado Novo mas como já dissemos, o fado e a arte em geral não eram tão abusados como a arte nos outros regimes autoritários. No entanto, o fado foi muito popular entre o povo e por esta causa Salazar adiciona o fado ao oficial programa cultural do seu regime.

¹⁰ Cf. Rui Vieira Nery, *Para uma História do Fado*, Público, 2004, p. 88.

2. Contexto histórico

Neste capítulo apresentamos o contexto histórico de quase duzentos anos da existência oficial do fado como o estilo musical. O capítulo é dividido nos três subcapítulos que representam três fases do fado que são determinados sobre a mudança da posição do fado na sociedade. As primeiras menções sobre o fado começam aparecer na primeira metade do século XIX. Antes disto o Portugal passou por uma grande crise económica por causa da ocupação francesa. Napoleão Bonaparte¹¹ exige a terminação do comércio de Portugal com a Inglaterra e declara o “bloqueio continental”¹² a Portugal mas os portugueses não atenderam aos requisitos. Por causa da violação do acordo com Bonaparte, o Portugal enfrenta a ocupação pelo francês. A família régia portuguesa fugiu com a corte portuguesa para o Rio de Janeiro no Brasil e só graças a essa fuga, o Portugal permanece o estado independente.

Em 1822 o rei João VI volta com o corte do Brasil para Portugal mas perde o Brasil como a sua colónia. Este acontecimento apoia a teoria afro-brasileira da origem do fado porque alguns anos depois da volta do corte do Brasil começam aparecer as primeiras fadistas nas ruas de Lisboa. Então podemos presumir que a inspiração pelas fadistas chegou para Portugal com o rei e o seu corte do Brasil. No mesmo ano é nascido a primeira constituição de Portugal que divide o poder em três partes: o poder executivo, judicial e legislativo. Com a constituição chegou a Portugal atrasado e acostumado ao absolutismo uma grande virada. João VI é influenciado pelos moderados anti liberais e tem o conflito com o seu filho Miguel que tem uma atitude radical contra o constitucionalismo e quer forçar o seu pai a abdicar. A sua “abrilada”¹³ é graças as outras potências suprimida. A crise seguinte começa quando o rei João VI em 1826 morre sem o sucessor porque o seu filho Pedro é o imperador do Brasil e o segundo filho, Miguel, é depois a sua abrilada exilado. Em 1826 o Pedro I do Brasil dá a *Carta Constitucional* que altera a constituição e é enriquecida com o quarto parte do poder: o poder moderador¹⁴. Miguel volta do seu exílio e casa-se com a filha de Pedro I, Maria II porém em 1828 decompõe o governo declara-se como o soberano absoluto do Portugal e Algarve. Pedro I volta do Brasil e inicia-se a guerra civil entre os dois irmãos.

Depois esta guerra que termina pelo destronamento de Miguel é nascida a nova polarização da sociedade. A sociedade portuguesa divide-se nas duas partes: os defensores da *Carta constitucional*, “cartistas”, e defensores da constituição de 1822, “vintistas”. No

¹¹ Napoleão Bonaparte foi um líder militar e político durante a grande Revolução Francesa em 1789 e depois tornou-se o imperador da França.

¹² Bloqueio continental interdiz a Portugal a importação e exportação com a Inglaterra.

¹³ Abrilada é um termo utilizado pela revolta de Abril do príncipe Miguel.

¹⁴ Este tipo do poder dá ao monarca o direito veto e permite-lhe decompor o parlamento.

período do governo de seguinte sucessor de trono, a rainha Maria II, que reconfirmar, a despeito da sua convicção cartística, a constituição de 1822, começa aparecer na sociedade o fado.

Os anos 1820-1840 são ligados com a vida da mítica fundadora do fado, Maria Severa, a filha de uma prostituta e de um pescador de Santarém da etnia cigana. Maria Severa já desde a infância segue a profissão da sua mãe. Durante a sua vida morava nos vários bairros de Lisboa mas a sua história é ligada principalmente com a Mouraria. Exceto a prostituição dedica-se ao canto. Atua nas tabernas e cafés. “Os locais de atuação de Severa não estão ainda identificados, mas acredita-se que estão relacionados com os circuitos de prostituição, em particular do Bairro Alto e da Mouraria.”¹⁵ Ficou famoso pela sua relação com o Conde de Vimioso quem foi um grande admirador do seu canto e do seu tocar a guitarra. Vimioso amava a sua arte de tal modo que apresentou Maria Severa aos intelectuais e à nova elite social portuguesa. Então podemos presumir que foi mesmo Maria Severa quem introduziu o fado à aristocracia. Severa morreu de tuberculose aos seus 26 anos, em 1846. Depois da sua morte foi composta *Fado da Severa* que podem encontrar no *Cancioneiro Popular* de Teófilo Braga.

2.1. 1840-1869

“Em 1838 é organizada a primeira exposição industrial em Portugal e nasce a primeira associação profissional - *Associação de Artistas Lisbonenses*.”¹⁶ Durante o governo da rainha Maria II continua o movimento liberal e ocorre a luta pelos outros direitos liberais como por exemplo a luta pelo sufrágio geral. Funciona o sistema político do “rotativismo”¹⁷. No governo revezam-se os liberais moderados os liberais radicais. Por volta do final dos anos trinta chega a nova virada. Funciona o governo ditatorial de António Costa Cabral que limita a liberdade e rescinde a nova constituição. Reina uma crise económica geral e o povo do campo rebela-se contra a ditadura e contra os ofícios. “A revolta leva o nome *Maria da Fonte* devido à revolta que foi iniciada pelas mulheres de município Fonte Arcada.”¹⁸ Depois da revolta a rainha é forçada de criar o governo novo mas a revolução é suprimida mais tarde graças à ajuda da Inglaterra, França e Espanha que realizam a intervenção contra a guerra civil.

¹⁵ Museu do Fado, *Severa*, 2008 [em linha] (2017)[consultado 6.5.2017].

¹⁶ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, Praha, 1999, p. 137.

¹⁷ Rotativismo é o termo que designa o sistema político no qual governam em turnos dois partidos poderosos.

¹⁸ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, Praha, 1999, p. 138.

Nos anos quarenta fala-se novamente da potencial união ibérica de Portugal e da Espanha porque graças à esta união seja possível acelerar a modernização nos ambos países. Costa Cabral é novamente no governo mas não persiste muito tempo porque em 1851 ocorre a rebelião da “regeneração” à testa desta rebelião é o marechal Saldanha. Graças à Partida Regeneradora ocorre a modernização do país, aumenta o nível da agricultura e parcialmente tem lugar neste tempo a industrialização. Apesar do esforço ao desenvolvimento, Portugal é na Europa sempre entre os países atrasados.

No anos cinquenta governa o rei Pedro V. Durante o seu reinado são desenvolvidos a Educação e cultura e ocorre o desenvolvimento técnico e económico. É construído o primeiro caminho de ferro e surge a primeira máquina a vapor em Portugal. No ano 1864 tem lugar o primeiro censo deois o qual começa ser publicado o *Diário de Notícias*, o mais conhecido jornal até agora.¹⁹ Em 1867 é aprovado o primeiro *Código Civil*. Durante o período do reinado do seu sucessor Luís I, concretamente em 1869, é abolida a escravatura em terras portuguesas e no mesmo ano muda-se a posição do fado na sociedade.

Nesta primeira fase, o fado aparece nas ruas afastadas de Lisboa, nas cafés, tabernas, nos bordéis e nos lugares típicos pelas classes baixas da sociedade. Expressa os sentimentos e o descontentamento do povo que lida com crise económica, pobreza, exploração e com más condições para viver. Neste tempo o fado é declinado pela aristocracia. As suas canções são consideradas como as canções da sociedade marginal.

2.2. 1869-1930

No anos setenta começa a era industrial e ocorre a primeira greve operária o qual culmina na criação do Partido Socialista Português em 1875. Antes disto, em 1872 foi fundado o Partido Republicano. Com este período é ligada a questão colonial. Os portugueses chegam ao interior da África mas não são só portugueses que estão interessados na África. Este continente começa atrair também a Inglaterra, a Alemanha e a França. Em 1880 entra na política o Partido Republicano neste tempo o Portugal é politicamente e economicamente dependente da Inglaterra. O Portugal deixa fazer “o mapa cor-de-rosa”²⁰ mas contra este requisito opõe-se a Inglaterra. O Portugal não quer renunciar o seu direito no território na África por isso a Inglaterra declara um ultimato no qual exige afastamento das tropas portuguesas do território interior de África. O Portugal deve ceder. Sobre este tema, durante o reinado de Carlos I, é composta a canção *A portuguesa* que mais tarde torna-se o hino de

¹⁹ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, Praha, 1999, p. 143.

²⁰ O mapa cor-de-rosa foi a listra larga que marcava o território na África supostamente ocupado por Portugal.

Portugal. O Portugal passa uma grande crise financeira e económica nos últimos anos da monarquia está à beira da bancarrota. No mesmo tempo, em 1888, é abolida a escravidão no Brasil.

Por volta do século reina uma grande instabilidade que decide de resolver Joao Ferreira Franco Pinto Castelo que instaura a ditadura. Depois do acordo com o rei decompõe o parlamento e instaurou oficialmente a ditadura. Em 1908 é assassinado o rei Carlos I, João Franco é exilado e ao trono senta-se o filho de Carlos I, Manuel II. O seu reinado não dura muito tempo porque dois anos depois ocorre a revolução republicana e é instaurada a primeira república.

Com a instauração da primeira república estão criados os novos símbolos nacionais como a bandeira e o hino acima mencionado. São fundadas as universidades no Porto e em Lisboa e o Portugal tem a nova moeda, o escudo. Apesar das grandes esperanças, a república não é estável e em 16 anos são trocados 50 governos. O estado é endividado e o povo está em greve. Em 1914 rebenta a Primeira Guerra Mundial durante a qual o Portugal tenta de manter neutralidade mas depois a pressão da Inglaterra, em 1916, declara guerra à Alemanha. Esta guerra é em Portugal muito impopular porque causou a grande pobreza e a falta dos alimentos. Um ano depois Sidónio Pais lidera um golpe militar e proclama República Nova. “Neste período começa ser politicamente ativo António de Oliveira Salazar que com Gonçalves Cerejeira funda o Centro Católico Português.”²¹ A ditadura de Sidónio Pais assim chamado “Presidente Rei” não persiste muito tempo porquanto em 1918 é assassinado.

Os anos seguintes são relacionados com a grande crise de pós-guerra durante a qual é criado o Partido Comunista Português. Ao longo dos anos vinte ocorrem algumas alternâncias do governo e várias tentativas de golpe.²²

Este período é fundamental pelo o fado que começa chegar das ruas nos salões da burguesia. Deixa de ser só o estilo músico da sociedade baixa e começa ser ouvido pela aristocracia. Para a sua aprovação nas classes mais altas ajudou muito a introdução do piano na sociedade. A guitarra como o maior acompanhamento do fado é substituída pelo piano e o fado começa de ser o entretenimento popular das senhoras da alta-rodada que está a afogar-se nas melodias cheias de nostalgia e saudade. Durante esta época são criadas as canções como por exemplo “Destruir a monarquia” de José Augusto que expressa a atitude contra a república de 1910 e contra os republicanos. A arte podia ser engajado e não tinha nenhuma restrição.

²¹ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, Praha, 1999, p. 165.

²² Cf. Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, Praha, 1999, p. 166.

2.3. 1930-1974

Com uma solução para a crise econômica chega no ano 1926 o marechal Gomes da Costa que organiza uma revolta militar mas infelizmente nem esta revolta não soluciona a instabilidade do país. Ajuda somente o plano do António de Oliveira Salazar que neste época foi o professor da economia na universidade de Coimbra. Salazar é encarregado de posto de ministro de finanças. Introduce as reformas económicas como a redução de ordenados, aumento de impostos e corta de maneira drástica as despesas do estado. Com Salazar a economia cresce mas com ela cresce também o poder de Salazar. “No ano 1930 é criada a União Nacional que é o único partido político preferido.”²³ Em 1932 torna-se o primeiro ministro e este cargo mantém até 1968 e é criado chamado Estado Novo. Estado Novo é baseado na política apolítica onde é autorizado só um partido, União Nacional, e a oposição é considerada como não benéfica. Um ano depois que Salazar foi eleito no posto do primeiro ministro, em 1933, é aprovada a nova constituição. Esta constituição marca o fim de ditadura e o início do estado corporativo. Funciona a política de “catedrocracia” onde governam os ministros que são as especialistas nas suas áreas de actividade o que parece como a democracia mas importante é que estes ministros devem ser fiel a Salazar. Com a chegada do Estado Novo começa também funcionar a polícia secreta, PIDE.²⁴

Salazar é fortemente influenciado pelo fascismo italiano e nazismo alemão. Nos anos trinta funda Legião Portuguesa assim chamada a “organização das camisas verdes” que tem como o objetivo defender o estado corporativo contra o comunismo e a Mocidade Portuguesa que é obrigatória por todas as crianças de sete a quatorze anos. Com a criação destas organizações Salazar segue o modelo alemão de Adolf Hitler. No mesmo tempo forma o Pacto Ibérico com o ditador Franco. Salazar apoia-lhe durante a Guerra Civil em Espanha. No decorrer da Segunda Guerra Mundial repete-se o modelo da Primeira Guerra Mundial e o Portugal de novo mantém neutralidade. Comercia ao mesmo tempo com Alemanha, Inglaterra e com EUA e vende-lhes o volfrâmio. Simultaneamente serve como refúgio dos judeus.

Em 1945 Salazar finge a democratização do país porque quer que o Portugal pode aderir ao plano Marshall e tirar as vantagens da aliança com o Oeste. Por causa deste motivo muda o direito eleitoral e cancela a PIDE. O seu fingimento funciona então em 1949 o Portugal é um dos fundadores da OTAN²⁵ e em 1955 é aceite na ONU.²⁶ Nos anos sessenta chega a última crise colonial portuguesa. O ano 1960 ingressa na história como o “ano da

²³ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, Praha, 1999, p. 170.

²⁴ PIDE é a sigla para Polícia Internacional de Defesa do Estado.

²⁵ OTAN é a sigla para Organização do Tratado do Atlântico Norte.

²⁶ ONU é a sigla para Organização das Nações Unidas.

África” quando são liberadas todas as colónias africanas. Como de costume, Salazar procura a solução como iludir a nova ordem. Proclama as colónias portuguesas como as “províncias ultramarinas”. Esta agulha de Salazar causa a sublevação em Angola. Nos anos seguintes a guerra em Angola esgota o país financeiramente mas também moralmente porque o serviço militar obrigatório deve ser prolongado. As colónias portuguesas tornam-se graças às suas turbulências inteiras o centro da atenção do mundo.²⁷

No estrangeiro nasce a oposição contra salazarismo mas não é efetiva. Só o ano 1968 traz as mudanças a Portugal. António Salazar capitula por causa da sua doença e na scena chega o seu sucessor Marcelo José das Neves Caetano. Empenha-se pela reforma do país mas não é capaz de resolver a crise económica. Cancela a PIDE e em vez dela cria a Direcção Geral de Segurança mas o público não é satisfeito. Caetano não é bem-sucedido em cumprimento das antecipações da sociedade. A gente foge em massas no estrangeiro da crise económica e os jovens do serviço militar obrigatório. O ano fundamental pela a próxima revolução é o ano 1973 quando a juventude e os socialistas e comunistas exilados exigem o cancelamento da guerra colonial e a democratização completa do país. “Em 1974 é composto o novo governo que é também o último gabinete tardio salazarista.”²⁸

De manhã de 25 Abril de 1974 subleva-se o exército descontente da política colonial e do regime autoritário e ao acompanhamento de canção *Grândola, Vila Morena* ocorreu a Revolução dos Cravos. O seu nome surge dos cravos que tiveram cravados simbolicamente nos canos dos seus rifles os membros do exército. Depois 48 anos do regime autoritário do modelo salazarista a ditadura finalmente termina.

Durante o período de 1930 até 1974 o fado começa a ser apresentado nos teatros e na época salazarista é profissionalizado porque Salazar exigiu aos artistas a licença da profissão. Tocando no rádio e aparecendo no filme onde é apresentado primeiramente por Amália Rodrigues, o fado vive o seu grande boom e chega ao largo público.

²⁷ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, Praha, 1999, p. 190.

²⁸ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, Praha, 1999, p. 200.

3. Representantes escolhidos

3.1. José Zeca Afonso

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos nasceu em Aveiro no ano de 1929 e morreu em Setúbal no ano 1987. Foi filho duma professora primária e dum magistrado. Até aos três anos viveu em Aveiro mas depois foi levado para Angola, Moçambique, Belmonte e Coimbra. Criou um relação com o continente de África que se refletiria mais tarde na sua obra. Tudo isso graças a carreira do seu pai quem deve ser deslocado a causa da sua profissão. Durante os seus estudos no Liceu Nacional D. João III começou a interessar-se pela música. Conhece o guitarrista António Portugal. Depois estudou na Faculdade de Letras de Coimbra onde passou uma via de boémia e em 1945 começa a cantar as serenatas e também integrou o coro e a tuna da Universidade de Coimbra. Em 1950 casou-se em segredo pela primeira vez, com Maria Amália de Oliveira com quem tem dois filhos, José Manuel e Helena. Divorce-se de Maria Amália em 1956.

Nos anos cinquenta, em Coimbra, são editados os seus primeiros discos mas hoje não existem os exemplares deles. De 1953 a 1955 deve cumprir o serviço militar em Mafra. É mobilizado para Macau mas por motivos de saúde é livrado. Pouco depois começa a sua carreira de ensino. Leciona e passando por Mangualde, Alcobça, Aljustrel, Lagos e Faro. Seis anos mais tarde, partiu para Moçambique onde voltaria a dar aulas. “Em 1967, volta a Portugal, mas é expulso do Ensino por incompatibilidades ideológicas face ao regime ditatorial vigente.”²⁹

Em 1963, começa a sua resistência ao salazarismo. As suas primeiras canções com o caráter político contra a opressão do capitalismo são *Os Vampiros* e *Menino do Bairro Negro*. Inspira-se na miséria do Bairro do Barredo, no Porto. Não é só a voz que faz lembrar e recriar as raízes portuguesas mas é também a voz da resistência, da revolta contra a ditadura. A parte das canções *Os Vampiros* e *Menino do Bairro Negro* são também conhecidos *A Morte Saiu à Rua* e *Grândola, Vila Morena*. Com a sua música não luta só contra a ditadura em Portugal mas também contra o fascismo no Brasil ou contra o novo colonialismo de África por quem tem fraqueza desde a sua infância.

Para a canção *Grândola, Vila Morena* José Afonso se inspirou quando actua na Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense. “No dia 25 de Abril de 1974, esta

²⁹ Cf. Infopedia, *José Afonso* [em linha], 2013-2017, [https://www.infopedia.pt/\\$jose-afonso](https://www.infopedia.pt/$jose-afonso) [consultado 26.4.2017].

canção tornou-se a senha do Movimento das Forças Armadas (MFA) para o derrube do regime ditatorial.”³⁰ Em 1973 foi preso pelos vinte dias porque tomava parte nas sessões que eram proibidos pela PIDE.

3.2. Adriano Correia de Oliveira

Adriano Maria Correia Gomes de Oliveira nasceu no Porto em 1942 e morreu em Avintes no ano de 1982. A sua infância foi marcada pelo ambiente católico e rural. Os seus estudos secundários passou no Porto, no Liceu Alexandre Herculano e depois dedicou-se ao Direito na Universidade de Coimbra. Na universidade comece o seu interesse pela música. Participa se no meio cultural ligado à academia. Foi um solista no coro e guitarrista na tuna académica. Nos anos sessenta alinhou se com com Partido Comunista Portugues cuja política foi contra o salazarismo. Casa-se com Maria Matilde de Lemos de Figueiredo Leite com quem se separaram alguns anos mais tarde. Juntos têm dois filhos, Isabel e José Manuel.

Em 1960 foi lançado o seu primeiro EP, *Noite de Coimbra*. Dois anos depois colaborou com o guitarrista António Portugal e Rui Pato, o músico que nos anos sessenta acompanhou à viola José Afonso, no seu primeiro disco Fados de Coimbra. A parte deste álbum é a canção *Trova do vento que passa* que foi mais tarde transformada ao hino da resistência dos estudantes ao regime do Estado Novo. A letra por esta canção escreveu Manuel Alegre que colaborou com Adriano Correia de Oliveira mais vezes. “O mais conhecida entre os trabalhos comuns de Correia de Oliveira e Alegre são os álbuns *O Canto E As Armas*, *Cantaremos* e *Gente D’Aqui E De Agora*, que lançaram entre 1968 e 1971.”³¹ Estes álbuns abrangem as canções que não passámos pela censura. O seu último álbum, *Cantigas Portuguesas*, publicou em 1980.

Correia de Oliveira morreu em 1982 como a vítima de uma hemorragia no esófago.

³⁰ Cf. Associação José Afonso, *Biografia* [em linha] <http://www.aja.pt/biografia/> [consultado 26.4.2017].

³¹ Cf. Infopedia, *Adriano Correia de Oliveira* [em linha] [https://www.infopedia.pt/\\$adriano-correia-de-oliveira](https://www.infopedia.pt/$adriano-correia-de-oliveira) [consultado 26.4.2017].

3.3. Amália Rodrigues

Podemos dizer que Amália Rodrigues, de seu nome completo Amália da Piedade Rebordão Rodrigues, é uma das fadista mais popular não só em Portugal mas também em todo o mundo. Nasceu em Lisboa no ano de 1920. “Já durante a escola primária canta em público mas a sua apresentação pública ocorreu oficialmente nos anos trinta quando foi escolhida para cantar o *Fado Alcântara* como solista, nos festejos dos Santos Populares.”³² Neste tempo encontrou o seu primeiro marido Francisco da Cruz, um guitarrista amado. O seu casado durou só sete anos e Amália casou-se novamente no Brasil com um engenheiro, César Seabra, em 1961. Com ele permaneceu casada até 1997 quando Seabra faleceu.

Em 1943 actuou pela primeira vez no estrangeiro, na Espanha, donde provém a sua paixão pelas canções espanholas e pelo a dança espanhola, flamenco. Nos anos seguintes atua no Brasil, França, e Inglaterra. “Ao longo da sua vida visitou todos os cinco continentes do mundo. Em 1950 “atua nos espetáculos do Plano Marshall pela Europa, como única intérprete ligeira no meio de um elenco predominantemente clássico.”³³ Esta colaboração em que participam os mais importantes artistas de toda a Europa garantiu Amália a sua internacionalização.

Cantava os canções com palavras dos grandes poetas português mas o mais importante pela nossa tese é a cooperação com David Mourão-Ferreira que começou nos anos cinquenta. Mourão-Ferreira escreveu para Amália a letra do cancao *Abandonado* que foi apelido por muita gente o *Fado de Peniche*. Graças ao seu título evocou a relação com a fortaleza de Peniche que durante o Estado Novo funcionou como a prisão pelos dissidentes políticos. Por esta razão foi o *Fado de Peniche* proibido. A análise da letra desta canção será apresentada no capítulo quatro. Um outro fado censurado pela ditadura portuguesa foi o fado *Mãe preta* que foi escrito pelos poetas brasileiros, Caco Velho e Piratini. A música foi adaptada e o nome mudado a *Barco Negro* pelo que escreveu a letra de novo Mourão-Ferreira. Amália gravou a versão original desta canção após a revolução do cravos, em 1978. Amália Rodrigues faleceu em Lisboa no outubro 1999.

³² Cf. Portal do Foda, *Amália Rodrigues* [em linha] <http://www.museudofado.pt/personalidades/detalhes.php?id=262n> [consultado 8.4.2017].

³³ Cf. Portal do Fado, *Amália Rodrigues* [em linha] <http://www.portaldofado.net/content/view/369/400/lang.pt/> [consultado 8.4.2017].

4. Análise das letras censuradas

Neste capítulo final gostaríamos de apresentar a análise dos textos escolhidos que foram escritos durante a época do século XX. Nos alguns países a cultura e a arte foram abusadas pela finalidade da propagação das idéias políticas. Este abuso da cultura podemos observar na história dos antigos regimes totalitários como por exemplo na Alemanha nazista ou na Itália fascista. Contudo em Portugal a situação era um pouco diferente. A utilização da arte pela propagação das ideias políticas não foi o meio principal do regime ditatorial português. Não obstante não podemos dizer que não existiram alguns defensores do regime que utilizam a arte como o meio da celebração e da propagação do regime salazarista segundo os modelos da Alemanha e da Itália. Em Portugal foi por exemplo António Ferro quem tentou de construir um discurso artístico politicamente engajado e pro-salazarista. O seu discurso celebra todos os princípios do regime autoritário, é marcadamente anti-liberal e hiper-nacionalista. No entanto a grande maioria da produção artística era anti-salazarista.

Depois do golpe militar do ano 1926 é ordenada a autorização dos espectáculos públicos e é promovida a “repressão de quaisquer factos ofensivos da lei, da moral e dos bons costumes.”³⁴ Os artistas dramáticos começam de precisar uma “carteira profissional” e não só os artistas dramáticos mas passo a passo também os músicos como os guitarristas, violistas e os fadistas. Muitos cantadores passaram ao estatuto formal de profissionais.

Graças estes fatos sabemos que durante o salazarismo a cultura foi controlada. Funcionava a chamada “controla das expressões artísticas” pela qual utilizamos também o termo “censura”. Foi este órgão que controlava toda a produção cultural e artística do país. Pela esta censura o governo utilizava o eufemismo de “exame prévio”.³⁵

No ano 1933 é estabelecida a nova Constituição do Estado Novo que conte o Decreto-lei especial que estabelece a função dos Serviços de Censura. Sobre este decreto eles devem censurar tudo o que é contra a verdade, a justiça e contra a boa administração. “Em 1944, os Decretos-Lei de 23 de Fevereiro e de 24 Novembro, farão transitar essas competências, primeiro para o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), e depois para o seu sucessor, o Secretariado Nacional da Informação, Cultura popular e Turismo (SNI).”³⁶

Não conhecemos nenhuma norma precisa praticada pelos censores todavia existem alguns critérios genéricos quais resume Alexandre Felipe Fiuza no seu trabalho *Entre um samba e*

³⁴ Cf. Rui Vieira Nery, *Para uma História do Fado*, Público, 2004, p. 189.

³⁵ Alexandre Felipe Fiuza, *Entre um samba e um fado: a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970*, Tese de doutorado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2006, p. 66.

³⁶ Rui Vieira Nery, *Para uma História do Fado*, Público, 2004, p. 189.

um fado: a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970 e Rui Vieira Nery no seu livro *Para uma História do Fado*. Estes critérios serão importantes para a nossa análise. Na verdade foi pela Censura proibido: “tudo que fosse visto como indicativo de negatividade para o regime [...]: crime, suicídios, greves e atuação de sindicatos, benesses das multinacionais, denúncias de corrupção, mortes por enchentes e por fome, guerra colonial, queda de avião, mendicância, a doença de Salazar, o nome e as ações de opositores políticos...”³⁷ Como menciona Rui Vieira Nery a temática da pobreza era tolerada mas foram proibidas as referências à miséria e à injustiça social.³⁸

4.1. As letras de José Zeca Afonso

De José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos assim chamado Zeca Afonso do qual falámos no terceiro capítulo deste trabalho, escolhemos quatro canções porque entre os nossos três representantes do fado do século XX, Zeca Afonso era o mais anti-salazarista e o mais engajado. Por causa do seu tio quem foi o salazarista convicto e o Presidente da Câmara Municipal em Belmonte, Zeca Afonso foi durante a sua juventude obrigado de frequentar a Mocidade Portuguesa, a organização juvenil do Estado Novo veja o capítulo 2.3. . Essa experiência intensificou a sua opinião posterior que será inequivocamente anti-salazarista.

Nos anos 60 começa a ser politicamente ativo e escreve os seus primeiros canções de intervenção. Em 1961, Zeca Afonso acompanhou a revolta académica contra a ditadura e a Guerra Colonial. Neste momento começou a defender as ideias de independência das colónias portuguesas com as quais tinha a vivencia pessoal. Dois anos depois desta revolta estudantil foram editadas as suas primeiras canções políticas mais tarde chamadas “canções de intervenção” entre as quais eram também as canções *Menino do bairro negro* e *Os Vampiros*. Ambas foram as partes do disco *Baladas de Coimbra* que foi proibido pela censura e também devem ser apreendidos os discos das lojas onde eram vendidos mesmo assim os discos eram vendidos clandestinamente. Neste disco Zeca Afonso colaborou com também mencionado Adriano Correia de Oliveira.

Para a nossa análise escolhemos das canções censuradas de Zeca Afonso estas tres: *Menino do bairro negro*, *Os Vampiros* e *A morte saiu à rua*.

³⁷ Alexandre Felipe Fiuza, *Entre um samba e um fado: a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970*, Tese de doutorado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2006, p. 76.

³⁸ Cf. Rui Vieira Nery, *Para uma História do Fado*, Público, 2004, p. 191.

MENINO DE BAIRRO NEGRO

“Olha o sol que vai nascendo
Anda ver o mar
Os meninos vão correndo
Ver o sol chegar

Menino sem condição
Irmão de todos os nus
Tira os olhos do chão
Vem ver a luz

Menino do mal trajar
Um novo dia lá vem
Só quem souber cantar
Vira também

Negro bairro negro
Bairro negro
Onde não há pão
Não há sossego

Menino pobre o teu lar
Queira ou não queira o papão
Há-de um dia cantar
Esta canção

Olha o sol que vai nascendo
Anda ver o mar
Os meninos vão correndo
Ver o sol chegar

Se até da gosto cantar
Se toda a terra sorri
Quem te não há-de amar
Menino a ti

Se não é fúria a razão
Se toda a gente quiser
Um dia há-de aprender
Haja o que houver

Negro bairro negro
Bairro negro
Onde não há pão
Não há sossego

Menino pobre o teu lar
Queira ou não queira o papão
Há-de um dia cantar
Esta canção”³⁹

³⁹ *Menino do Bairro Negro - José Afonso* [em linha], 2014,
<https://bibliobeiriz.wordpress.com/2014/04/25/menino-do-bairro-negro-jose-afonso/> [consultado 30.5.2017].

A canção *Menino e bairro negro* é a canção composta de dez estrofes. Zeca Afonso encontrou a inspiração para esta canção durante a sua viagem no Porto, precisamente no bairro da Ribeira e do Barredo quais eram conhecidos como “os bairros negros”. Na entrevista Zeca Afonso explicou “que a negritude de que falava a canção não dizia respeito à cor da pele, mas à condição de meninos explorados diagnosticados por José Castro no seu livro *Geopolítica da Fome*.”⁴⁰ O escritor vivenciou um choque quando se encontrou com tal miséria e pobreza. Não imaginava que seja possível ver tal cena na vida real e não só no filme.

A pobreza, miséria e os problemas sociais não eram alguma coisa que foi visível só no Porto. Em geral, ”Portugal era um país pobre, com cerca de 50% da população vivendo da agricultura, com um índice de analfabetismo de mais de 75% para as mulheres e 70% para os homens [...]”⁴¹ Com problemas relacionadas à pobreza foi associada também a mortalidade infantil que era muito grande.

A primeira vista a primeira estrofe parece como a descrição do nascer do sol mas quando lermos toda a canção, podemos encontrar nesta estrofe que repete-se a esperança por melhores amanhã. Nestes dois versos “Menino sem condição / Irmão de todos os nus”⁴² podemos observar a menção indireta das condições sociais desiguais na cidade Porto e em todo⁴³ o país. A menção da nudez no segundo verso destaca a pobreza das crianças nos “bairros negros” e na reflexão mais profunda pode nos evocar a inocência dessas crianças as quais são só vítimas da desigualdade social.

Na terceira estrofe “Menino do mal trajar”⁴⁴ a crítica é expressa ainda indiretamente destacando o mal trajar do menino e os outros versos oferecem de novo a esperança pelo melhoramento mas “Um dia novo dia lá vem / Só quem souber cantar”⁴⁵ no terceiro verso é usada a metáfora que designa que só os eleitos chegaram à mudança. Por outro lado a quarta estrofe que podemos considerar como o refrão desta canção conte uma crítica direta sublinhando no terceiro verso, “Onde não há pão”⁴⁶, a fome por causa do qual as crianças dos bairros pobres morrem. No verso quarto desta estrofe, “Não há sossego”⁴⁷, expressa a vida dura, instável e perigoso nos “bairros negros”. Nestes versos “Menino pobre o teu lar / Queira ou não queira o

⁴⁰ *Menino do Bairro Negro* - José Afonso [em linha], 2014, <https://bibliobeiriz.wordpress.com/2014/04/25/menino-do-bairro-negro-jose-afonso/> [consultado 30.5.2017].

⁴¹ *Sociedade do Estado Novo* in Artigos de apoio Infopédia [em linha], 2003-2017, [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$sociedade-do-estado-novo](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$sociedade-do-estado-novo) [consultado 30.5.2017].

⁴² *Menino do Bairro Negro* - José Afonso Ibid.

⁴³ *Menino do Bairro Negro* - José Afonso Ibid.

⁴⁴ *Sociedade do Estado Novo* in Artigos de apoio Infopédia [em linha], 2003-2017, [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$sociedade-do-estado-novo](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$sociedade-do-estado-novo) [consultado 30.5.2017].

⁴⁵ *Menino do Bairro Negro* - José Afonso Ibid.

⁴⁶ *Menino do Bairro Negro* - José Afonso Ibid.

⁴⁷ *Menino do Bairro Negro* - José Afonso Ibid.

papão” a descrição é direta. Zeca Afonso descreve o lar pobre do menino. Como já dissemos, mencionar a pobreza não foi um problema mas a pobreza na relação com o pequeno menino associa automaticamente alguma miséria e injustiça social. Na oitava estrofe podemos notar uma polémica sobre a alteração ou uma incitação do autor ao povo português. Se queríamos afrouxar o breio da nossa fantasia, podemos dizer que estes versos “Se toda gente quiser / Um dia hás-de aprender / Haja o que houver”⁴⁸ incitam o povo à reflexão e à revolta.

OS VAMPIROS

No céu cinzento sob o astro mudo
Batendo as asas pela noite calada

Vêm em bandos com pés de veludo
Chupar o sangue fresco da manada
Se alguém se engana com seu ar sisudo
E lhes franqueia as portas à chegada
Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada

A toda a parte chegam os vampiros
Poisam nos prédios poisam nas calçadas
Trazem no ventre despojos antigos
Mas nada os prende às vidas acabadas

São os mordomos do universo todo
Senhores à força mandadores sem lei
Enchem as tulhas bebem vinho novo
Dançam a ronda no pinhal do rei

Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada

No chão do medo tombam os vencidos
Ouvem-se os gritos na noite abafada
Jazem nos fossos vítimas dum credo
E não se esgota o sangue da manada

Se alguém se engana com seu ar sisudo
E lhe franqueia as portas à chegada
Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada

Eles comem tudo eles comem tudo
Eles comem tudo e não deixam nada”⁴⁹

Uma outra canção de Zeca Afonso que escolhemos, chama-se *Os Vampiros*. Os portugueses consideram esta canção como um dos símbolos da resistência artística contra o regime autoritário. A especialidade desta canção é que não utilizam as metáforas individuais

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ *Os Vampiros* [em linha] <https://www.vagalume.com.br/zeca-afonso/os-vampiros.html> [consultado 27.4.2017].

mas inclusivamente toda a canção é uma alegoria que adverte o povo para a necessidade do combate contra o velho regime ditatorial e contra a sua política opressiva. Zeca Afonso era um dos artistas que não tinham medo de dizer a verdade e quem lutava das causas justas. Tentava enfatizar os valores importantes como por exemplo a liberdade que era durante o regime autoritário muito limitada. Com *Os Vampiros* as práticas brutais e inumanas da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), posterior Direcção-Geral de Segurança (DGS), os quais com as suas práticas frequentemente violam as leis humanas.

No seus versos alerta ao perigo do regime e os seus componentes “Se alguém se engana com seu ar sisudo / E lhes franqueia as portas à chegada / Eles comem tudo eles comem tudo / Eles comem tudo e não deixam nada”. Fala sobre o fingimento de Salazar e a sua política. Salazar nunca confessou que é o ditador. Exteriormente o Portugal era durante os anos sessenta, quando é escrita esta canção, o país democrática mas a realidade era diferente. Estes mordomos e senhores dos quais Zeca Afonso fala na canção são Salazar ele mesmo e os seus fiéis os quais dos seus postos altos controlam todo o país “São os mordomos do universo todo / Senhores à força mandadores sem lei / Enchem as tulhas bebem vinho novo / Dançam a ronda no pinhal do rei”.⁵⁰ O último verso “Dançam a ronda no pinhal do rei”⁵¹ podemos perceber como a comemoração da história de Portugal que é por causa da política de Salazar desvalorizada. O povo português é oprimido e os seus direitos estão reduzidos. A gente vive no medo e tem o temor de expressar sua opinião “No chão do medo tombam os vencidos / Ouvem-se os gritos na noite abafada / Jazem nos fossos vítimas dum credo / E não se esgota o sangue da manada”⁵² em vez de lutar preferem baixar a vista. A uma das vítimas da PIDE Zeca Afonso dedica a sua outra canção, *A morte saiu à Rua*.

A MORTE SAIU À RUA

“A morte saiu à rua num dia assim
Naquele lugar sem nome pra qualquer fim
Uma gota rubra sobre a calçada cai
E um rio de sangue dum peito aberto sai

O vento que dá nas canas do canavial
E a foice duma ceifeira de Portugal
E o som da bigorna como um clarim do céu
Vão dizendo em toda a parte o pintor morreu

Teu sangue, Pintor, reclama outra morte igual
Só olho por olho e dente por dente vale
À lei assassina à morte que te matou
Teu corpo pertence à terra que te abraçou

⁵⁰ *Os Vampiros* Ibid.

⁵¹ Ibid.

⁵² Ibid.

Aqui te afirmamos dente por dente assim
Que um dia rirá melhor quem rirá por fim
Na curva da estrada há covas feitas no chão
E em todas florirão rosas duma nação”⁵³

Esta canção denunciava o assassinato de José Dias Coelho que foi um artista plástico, militante e revolucionário. Já durante a sua vida estudantil Dias Coelho participava na luta antifascista. No ano 1949 aderiu ao Partido Comunista Português. No mesmo ano foi detido pela PIDE devido à sua participação na campanha presidencial de Norton de Matos⁵⁴ e três anos depois foi expulso da Escola Superior. Nos anos cinquenta participa nas ações clandestinas militantes contra o regime salazarista. “Em 19 de Dezembro de 1961 foi fuzilado na rua de Lisboa pelos agentes da PIDE.”⁵⁵ A canção de Zeca Afonso é uma homenagem pelo Dias Coelho mas simultaneamente por todos os mortos e todas as vítimas que sofrem por causa da PIDE.

O primeiro verso desta canção “A morte saiu à rua num dia assim”⁵⁶ é muito dramático e ao mesmo tempo é o primeiro motivo pelo qual a canção podia ser censurado. A primeira estrofe é com a sua descrição “Uma gota rubra sobre a calçada cai/ E um rio de sangue dum peito aberto sai”⁵⁷ quase naturalista. Zeca Afonso descreve a morte como alguma coisa que pode encontrar qualquer pessoa. Na segunda estrofe são incorporados os símbolos comunistas: “E a foice duma ceifeira de Portugal / E o som da bigorna como um clarim do céu / Vão dizendo em toda a parte o pintor morreu” que são uma foice e uma bigorna e aparece a primeira menção da personagem “pintor” que nós evoca José Dias Coelho. Com a terceira estrofe chega uma grande gradação e a revolta do autor. O autor grita pela terminação deste terror porque esta morte não foi a primeira e não a última das mortes inúteis e injustiçada: “Teu sangue, Pintor, reclama outra morte igual / Só olho por olho e dente por dente vale”⁵⁸. Podemos ter o sentido que o autor incita o povo à revolta. O desespero absoluto do autor desta situação a da situação política em Portugal é possível sentir no verso “À lei assassina à morte que te matou”⁵⁹. Como é possível que a organização do estado pode cometer o crime? Na estrofe última o autor como se promete a vingança pelo “Pintor” falecido. Espera por melhores amanhã. O último verso prendeu muito

⁵³ *A morte saiu à rua* [em linha] <https://www.vagalume.com.br/jose-afonso/a-morte-saiu-a-rua.html> [consultado 16.5.2017].

⁵⁴ Norton Matos foi o opositor do Estado Novo que participou nas eleições presidenciais de 1949 mas devido à falta da liberdade nas eleições a sua tentativa não foi bem sucedido.

⁵⁵ Cf. Partido Comunista Portugues „Assassinato de José Dias Coelho [em linha] <http://www.dorl.pcp.pt/index.php/histria-do-pcp-menumarxismoleninismo-103/85-momentos-da-historia-do-pcp/56-44-assassinato-de-jos-dias-coelho> [consultado 16.6.2017].

⁵⁶ *A morte saiu à rua* [em linha] <https://www.vagalume.com.br/jose-afonso/a-morte-saiu-a-rua.html> [consultado 16.5.2017].

⁵⁷ *A morte saiu à rua* Ibid.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Ibid.

a nossa atenção posto que quase predisse o futuro com a menção das “rosas duma nação” que nós podemos associar os cravos da Revolução de 1974.

4.2. A letra de Adriano Correia de Oliveira

Assim como Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira estudou na Universidade de Coimbra onde começou a sua carreira musical. O caminho de vida de Correia de Oliveira era bastante parecido ao caminho de Zeca Afonso. Dado que estudava na mesma Universidade ambos participaram-se nas greves universitárias contra o regime salazarista e ambos colaboram com os músicos populares, Rui Pato e António Portugal. Zeca Afonso foi mais o poeta que o cantador por outro lado Correia de Oliveira foi mais o compositor e intérprete da música que o escritor. A canção *Trova do Vento que Passa* é originalmente um poema de Manuel Alegre o qual foi por causa da sua revolta contra a guerra colonial em Angola e crítica do salazarismo preso pela PIDE. Como o estudante jovem aderiu-se ao Partido Comunista Português. Na Universidade de Coimbra fez o parte da revolta estudantil contra o regime autoritário e contra a guerra colonial. “Manuel Alegre é considerado como o poeta mais cantado pelos músicos portugueses.”⁶⁰ Este poema foi criada graças à colaboração de Manuel Alegre, António Portugal e António Correia de Oliveira que cantou-o no seu primeiro disco “*Fados de Coimbra*”. Esta canção pode ser denotada como um fado ou como uma balada. Dos anos sessenta a fronteira entre uma música tradicional e popular começa a ser pouco clara. Porém para nós é importante o seu conteúdo.

TROVA DO VENTO QUE PASSA

“Pergunto ao vento que passa
notícias do meu país
e o vento cala a desgraça
o vento nada me diz.
o vento nada me diz.

Pergunto aos rios que levam
tanto sonho à flor das águas
e os rios não me sossegam

⁶⁰ Instituto Camoes, *Manuel Alegre* [em linha] <http://cvc.instituto-camoes.pt/poemasemana/05/01.html> [consultado 10.6.2017].

levam sonhos deixam mágoas.

Levam sonhos deixam mágoas
ai rios do meu país
minha pátria à flor das águas
para onde vais? Ninguém diz.

Se o verde trevo desfolhas
pede notícias e diz
ao trevo de quatro folhas
que morro por meu país.

Pergunto à gente que passa
por que vai de olhos no chão.
Silêncio -- é tudo o que tem
quem vive na servidão.

Vi florir os verdes ramos
direitos e ao céu voltados.
E a quem gosta de ter amos
vi sempre os ombros curvados.

E o vento não me diz nada
ninguém diz nada de novo.
Vi minha pátria pregada
nos braços em cruz do povo.

Vi minha pátria na margem
dos rios que vão pró mar
como quem ama a viagem
mas tem sempre de ficar.

Vi navios a partir
(minha pátria à flor das águas)
vi minha pátria florir
(verdes folhas verdes mágoas).

Há quem te queira ignorada
e fale pátria em teu nome.
Eu vi-te crucificada
nos braços negros da fome.

E o vento não me diz nada
só o silêncio persiste.
Vi minha pátria parada
à beira de um rio triste.

Ninguém diz nada de novo
se notícias vou pedindo

nas mãos vazias do povo
vi minha pátria florindo.

E a noite cresce por dentro
dos homens do meu país.
Peço notícias ao vento
e o vento nada me diz.

Quatro folhas tem o trevo
liberdade quatro sílabas.
Não sabem ler é verdade
aqueles pra quem eu escrevo.

Mas há sempre uma candeia
dentro da própria desgraça
há sempre alguém que semeia
canções no vento que passa.lat

Mesmo na noite mais triste
em tempo de servidão
há sempre alguém que resiste
há sempre alguém que diz não.”⁶¹

No início esta canção parece como inocente, nostálgica, cheia das saudades da pátria do escritor mas na quinta estrofe começam surgir os pensamentos críticos. Das perguntas de escritor do início do poema podemos ter o sentimento que o autor não vive no seu país. Esta constatação poderia apoiar o facto que autor deste poema, Manuel Alegre, viveu no exílio em Paris desde 1964 e a 1974. Todavia esta teoria não apoia o facto que o poema foi escrito um ano antes do seu exílio. Como sabemos em 1963, o autor foi obrigado a passar o serviço militar em Angola onde foi preso pela PIDE. Então podemos ligar esta canção com a sua estada na África. Nos versos “Pergunto à gente que passa / por que vai de olhos no chão. / Silêncio -- é tudo o que tem / quem vive na servidão.”⁶² descreve a gente que não responde às suas perguntas, que tem medo, que vive no silêncio e que vive no medo da gente do seu país. Este pensamento radicaliza com a metáfora “Vi minha pátria pregada / nos braços em cruz do povo.”⁶³ O povo africano vê como oprimido pelos portugueses que causa aos africanos só as mágoas e o sofrimento. Fala também sobre a gente que prefira ignorar os acontecimentos horríveis cometidos em nome de Portugal mas ele não é um deste povo cego. “Há quem te queira

⁶¹ Adriano Correia de Oliveira, *Trova do Vento que Passa* [em linha] <https://www.lettras.mus.br/adriano-correia-de-oliveira/500055/> [consultado 6.6.2017].

⁶² Ibid.

⁶³ Ibid.

ignorada / e fale pátria em teu nome. / Eu vi-te crucificada / nos braços negros da fome.”⁶⁴ Diz que vê as atrocidades que estão cometidos no povo da África a favor de Portugal. Este pensamento intensifica e contesta ao uso da metáfora “nas mãos vazias do povo vi minha pátria florindo.”⁶⁵ Com uma outra metáfora diz como observa a sua pátria que vive um dos seus períodos tristes com o qual ele não se identifica: “Vi minha pátria parada / à beira de um rio triste.” O mal designa como a noite que cresce por dentro dos homens do seu país: “E a noite cresce por dentro / dos homens do meu país.”⁶⁶ Diz “o meu país” então podemos perceber uma responsabilidade dos feitos da sua pátria.

Nas últimas duas estrofes exprime as suas esforços por melhores amanhã. Quando diz: “Mas há sempre uma candeia / dentro da própria desgraça”⁶⁷ com esta metáfora tenta comunicar ao leitor ou locutor que na cada escuridão existe o luz o que significa que a situação de Portugal não fatal. Essa afirmação corrobora com os seguintes versos: “há sempre alguém que semeia / canções no vento que passa.”⁶⁸ Sobre ele sempre existe alguém que quer mudar as coisas para melhor. A última estrofe podemos perceber como a incitação indireita para uma revolta, resistência ou rebelião contra o regime ditatorial que em Portugal funciona quase cinquenta anos: “Mesmo na noite mais triste / em tempo de servidão / há sempre alguém que resiste / há sempre alguém que diz não.”⁶⁹ Podemos só presumir se o autor tente de convencer o povo sobre a sua verdade ou se tente de convencer ele mesmo. Seja for de qualquer modo, no final a situação resultou de acordo com seus desejos.

4.3. A letra das canções de Amália Rodrigues

Ao lado dos autores fortemente revolucionários como eram Zeca Afonso e Coreia de Oliveira a cantora Amália Rodrigues pode parecer como uma escolha inadequada para a nossa análise mas isto só devido aos rumores sobre a sua relação com o regime ditatorial que circulavam na década dos anos setenta. “Os críticos de Amália Rodrigues disseram que ela beneficia do patrocínio dos mais duros regimes fascistas da Europa.”⁷⁰ Mas Amália refugou estes acusados. Para ela, a música e especificamente o fado não foi o instrumento da propaganda. No contraste aos músicos de Coimbra não sentia a necessidade de ser engajada

⁶⁴ Adriano Correia de Oliveira, *Trova do Vento que Passa* [em linha] <https://www.letras.mus.br/adriano-correia-de-oliveira/500055/> [consultado 6.6.2017].

⁶⁵ Adriano Correia de Oliveira, *Trova do Vento que passa* Ibid.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Cf. The Economist, *Amália Rodrigues* [em linha] <http://www.economist.com/node/250031> [consultado 19.6.2017].

apesar dos seus colegas os quais eram nos muitos caso presos pelos seus opiniões que expressam na arte. Apesar de o fado não ter usado para propaganda do regime salazarista, foi incluído no repertório oficial nacional porque alegra-se duma grande popularidade entre o povo. Deste razão Amália não foi limitada na sua carreira em Portugal e nos países estrangeiros de nenhum modo.

Politicamente Amália só tomou parte na tentativa de libertação do seu muito bom amigo, Alain Oulman, a qual foi agradecida mais de um dos seus êxitos. “Oulman foi preso pela PIDE pelas cinco semanas por causa da suspeita que ele participou-se no movimento clandestino de extrema esquerda, a Frente de Acção Popular.”⁷¹ No entanto depois a sua libertação do prisão foi forçado ao abandono do seu país. Entre as suas canções censuradas podemos encontrar por exemplo *Fado de Peniche* que não foi censurado por causa do seu conteúdo mas por causa de ser considerado como um hino dos presos em Peniche. Peniche é uma cidade onde encontra-se a fortaleza do século XVI a qual foi durante o regime autoritário usada como a prisão política pelos os prisioneiros dissidentes. Em virtude desta associação Amália muda o nome deste fado ao *Abandonado*.

Para a nossa análise escolhemos a canção *Mãe preta* dos compositores brasileiros, Caco Velho e Piratini. Esta versão da canção foi em Portugal censurada mas depois a censura a sua melodia foi usada para a criação duma nova canção *Barco Negro*. A letra para a nova versão desta canção escreveu David Mourão-Ferreira, o poeta muito popular em Portugal, com quem Amália colabora muitas vezes. Abaixo apresentamos as duas versões desta canção.

MÃE PRETA

“velha encarquilhada
carapinha branca
gandola de renda
caindo na anca
embalando o berço
do filho do sinhô
que há pouco tempo
a sinhá ganhou
era assim que mãe preta fazia
criava todo branco
com muita alegria
enquanto na senzala
seu bem apanhava
mãe preta mais uma lágrima enxugava
mãe preta, mãe preta,
mãe preta, mãe preta
enquanto a chibata
batia em seu amor

⁷¹ Cf. Infopedia, *Alain Oulman* [em linha] [https://www.infopedia.pt/\\$alain-oulman](https://www.infopedia.pt/$alain-oulman) [consultado 19.6.2017].

mãe preta embalava
o filho branco do sinhô”⁷²

Esta versão da letra da canção é muito expressiva e é escrita na língua brasileira o que podemos observar na escolha das palavras como por exemplo “sinhô” que designa no português da Europa a palavra “senhor” ou “sinhá” que designa no português europeu “senhora”. Toda a letra designa em resumo a história cruel do Brasil que foi pelos quase quatrocentos anos explorado pelos europeus e em grande parte pelos portugueses. Esta canção evoca a história duma escrava negra que dou à luz o filho que é branco que nos força ao reflexo. Quem é o pai deste menino? É o filho do Senhor da senzala onde a mulher trabalha. Não é surpreendente que esta canção não foi aceite pelo o regime autoritário cujas práticas também não eram limpas.

BARCO NEGRO

“De manhã, que medo, que me achasses feia!
Acordei, tremendo, deitada n'areia
Mas logo os teus olhos disseram que não,
E o sol penetrou no meu coração.

Vi depois, numa rocha, uma cruz,
E o teu barco negro dançava na luz
Vi teu braço acenando, entre as velas já soltas
Dizem as velhas da praia, que não voltas:

São loucas! São loucas!

Eu sei, meu amor,
Que nem chegaste a partir,
Pois tudo, em meu redor,
Me diz qu'estás sempre comigo.

No vento que lança areia nos vidros;
Na água que canta, no fogo mortiço;
No calor do leito, nos bancos vazios;
Dentro do meu peito, estás sempre comigo.”⁷³

O poeta David Mourão-Ferreira dou para a nova versão desta canção uma atmosfera absolutamente diferente. A canção que narra a história horrível e dura tornou-se uma canção amorosa, cheia de saudade e grandes emoções. Neste exemplo podemos ver qual foi o atitude da ditadura aos temas e histórias verdadeiras que é necessário recordar para que não repetirmos.

⁷² Caco Velho e Piraniti, *Mãe preta* [em linha] <https://www.lettras.mus.br/caco-velho/mae-preta/> [consultado 19.6.2017].

⁷³ David Mourao-Ferreira, *Barco Negro* [em linha] <https://www.lettras.mus.br/caco-velho/mae-preta/> [consultado 19.6.2017].

Conclusão

Como foi mencionado no início deste trabalho. O estilo musical, o fado, é a coisa muito difícil para explicar. Não só porque está muitas vezes baseado nas emoções e nos sentimentos mas também porquanto a sua aparência muda fluentemente com o contexto histórico até hoje. É necessário ter o contexto histórico de Portugal para compreender melhor o carácter dos portugueses e também a ter algumas informações sobre a sua cultura em geral para a mais profunda compreensão deste fenómeno. No nosso trabalho eram marginalmente esboçadas todas as teorias da sua origem indistinta, o seu desenvolvimento durante quase duzentos anos da sua existência oficial e também foi apresentado o desenvolvimento histórico de Portugal que influenciou muito as mudanças da posição do fado na sociedade portuguesa.

Foram apresentadas as vidas dos três diferentes músicos do século XX cuja produção foi censurada durante uma das mais longas ditaduras na Europa. Como representantes sem dúvida revolucionários foram apresentados os ex-alunos da Universidade de Coimbra, José Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, que eram muito ativos na luta contra o regime autoritário salazarista. Como o terceiro representante foi apresentada a cantora Amália Rodrigues que na maioria dos casos não é relacionada com os oponentes do regime ditatorial mas queríamos mostrar que também os artistas que não foram considerados como anti-salazaristas não devem convir as condições do regime de então.

Na prática parte do nosso trabalho analisaram os textos dos autores escolhidos que sucumbiram à censura. Esta análise confirmou alguns dos critérios de censura mencionados nas obras de Alexandre Felipe Fiuza e Rui Vieira de Nery e graças à análise literária descobrimos alguns outros. Podemos dizer que em geral foram inaceitáveis quaisquer referências negativas ao regime salazarista, qualquer crítica dos acontecimentos negativos do presente do país mas também do seu passado. Foram rejeitados quaisquer incentivos para a reflexão e para a revolta. É fora de compreensão da qual maneira foi limitada a liberdade de expressão. Nem uso dos meios poéticos não ajuda os artistas com a transmissão das suas ideias. Não foi surpreendente que os artistas que participaram-se nas revoltas estudantis foram mais monitorados que os outros mas por exemplo a monitoração da carreira de Amália Rodrigues, que foi considerada pelo povo como o favorito de Salazar, parece-nos surpreendente. Podemos dizer que isso demonstra a consistência dos componentes do regime autoritário. A ditadura em Portugal causou não só uma grande restrição das liberdades mas também suspendeu a modernização do país.

Por fim, queríamos notar que foi muito interessante de se familiarizar com a vida e obra dos artistas que não tinham medo de sair com as suas opiniões na época do regime tão

duro. Opinamos que podia ser enriquecido absorver-se na mais profunda pesquisa da arte censurado.

Resumé

Portugalský hudební styl *fado* je jednou z nejvýznamnějších kulturních památek Portugalska. Některými Portugalci je dokonce považováno za národní píseň. Jeho počátky jsou spojeny s první polovinou 19. století, kdy se začíná objevovat v zapadlých uličkách, tavernách a hodinových hotelech. Již od konce 19. století se začíná mluvit o jeho nejasném původu a dodnes jsou publikovány studie, které se věnují konkrétním teoriím jeho vzniku. Pro hlubší pochopení vývoje *fada* byl v práci nastíněn i historický kontext Portugalska od doby vzniku *fada* až po rok 1974, kdy v Portugalsku proběhla Karafiátová revoluce, díky které došlo k svržení dlouhotrvajícího autoritativního režimu.

Tato bakalářská práce si kladla za cíl seznámit čtenáře s portugalským hudebním stylem *fado* v celém jeho rozsahu a zaměřit se na konkrétní texty *fada*, které vznikaly v době Salazarovské diktatury, jež byla jedním z nejdelších autoritativních režimů v celé Evropě. V práci byli čtenáři představeni tři vybraní portugalští umělci 20. století, José Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira a Amália Rodrigues a dále pak lidé, se kterými během své kariéry spolupracovali, a kteří významně ovlivnili jejich tvorbu. První dva z těchto umělců jsou označováni za autory revolučních, či intervenčních písní, tudíž je na jejich textech zřetelnější kritika tehdejší autoritativního režimu. Zpěvačka Amália Rodrigues byla vybrána jako třetí a specifický příklad pro naši analýzu, protože ještě během 70. let kolovaly fámy o její spolupráci se Salazarem. Tyto domněnky však nikdy nebyly potvrzeny a během Karafiátové revoluce to byla právě Amália Rodrigues, kdo zpíval píseň *Grandla, Vila Morena*, která se stalo hymnou této revoluce. Na závěr práce byla provedena za pomoci historického kontextu a literární teorie analýza textů výše zmíněných umělců, pomocí které se nám podařilo najít motivy, kvůli kterým byly ty texty zcenzurovány. Obecně lze říci, že cenzurou neprošly žádné texty, které se jakkoli negativně vyjadřovaly proti režimu, či proti samotnému Antóniu Salazarovi. Nepříjemné byly také zmínky o chudobě, zločinech, korupci, sebevraždách, stávkách, sociální nespravedlnosti, či jakákoli kritika fungování portugalského stát, nebo nabádání k revoltě proti režimu.

Bibliografia

[Online] // Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. - 4 4 2017. - <https://www.priberam.pt/dlpo/saudade> .

[Online] // Museu do Fado. - 6 5 2017. - <http://www.museudofado.pt/personalidades/detalhes.php?id=368> .

[Online] // Infopedia. - 26 4 2017. - [https://www.infopedia.pt/\\$jose-afonso](https://www.infopedia.pt/$jose-afonso).

[Online] // Associação José Afonso. - 26 4 2017. - <http://www.aja.pt/biografia/>.

[Online] // Infopedia. - 26 4 2017. - [https://www.infopedia.pt/\\$adriano-correia-de-oliveira](https://www.infopedia.pt/$adriano-correia-de-oliveira).

[Online] // Portal do Fado. - 8 4 2017. -

<http://www.museudofado.pt/personalidades/detalhes.php?id=262n> .

[Online] // Infopedia. - 30 5 2017. - [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$sociedade-do-estado-novo](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$sociedade-do-estado-novo).

[Online] // Vagalume. - 27 4 2017. - <https://www.vagalume.com.br/zeca-afonso/os-vampiros.html> .

[Online] // Partido Comunista Português. - 16 6 2017. - <http://www.dorl.pcp.pt/index.php/historia-do-pcp-menumarxismoleninismo-103/85-momentos-da-historia-do-pcp/56-44-assassinato-de-jos-dias-coelho>.

[Online] // Instituto Camões. - 10 6 2017. - <http://cvc.instituto-camoes.pt/poemasemana/05/01.html>.

[Online] // Letras. - 6 6 2017. - <https://www.letras.mus.br/adriano-correia-de-oliveira/500055/> .

[Online] // Economist. - 19 6 2017. - <http://www.economist.com/node/250031>.

[Online] // Infopedia. - 19 6 2017. - [https://www.infopedia.pt/\\$alain-oulman](https://www.infopedia.pt/$alain-oulman).

[Online] // Letras. - 19 6 2017. - <https://www.letras.mus.br/caco-velho/mae-preta/>.

[Online] // Letras. - 19 6 2017. - <https://www.letras.mus.br/caco-velho/mae-preta/>.

Canelas Lucinda [Online] // Público. - 4 4 2017. - <https://www.publico.pt/2011/11/27/culturaipsilon/noticia/o-fado-ja-e-patrimonio-mundial-1522758>.

Carvalho Pinto de Historia de Fado [Book]. - Lisboa : [s.n.], 1903.

Afonso José Zeca [Online]. - 30 5 2017. -

<https://bibliobeiriz.wordpress.com/2014/04/25/menino-do-bairro-negro-jose-afonso/>.

Brito Joaquim Pais de Fado, Voices and Shadows [Book]. - Lisboa : [s.n.], 1994.

Fiuza Alexandre Felipe Entre um samba e um fado: a censura e a repressao aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970 [Book]. - 2006.

Klíma Jan Dějiny Portugalska [Book]. - Praha : [s.n.], 1997.

Klíma Jan Salazar tichý diktátor [Book]. - Praha : [s.n.], 2005.

Lusopresse [Online]. - 4 4 2017. -

<http://www.lusopresse.com/2008/179/cronica.aspx?Diferencas%20Entre%20Fados.htm>.

Nery Rui Vieira Para Uma História do Fado [Book]. - Lisboa : [s.n.], 2004.

Nicolay Ricardo [Online]. - 28 4 2017. -

http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_20/contemporanea_n20_04_NICOLAY.pdf.

Rodrigues Amália [Online]. - 18 3 2017. - <http://kdfrases.com>.

Anotace

Jméno a příjmení: Tereza Marková

Název fakulty a katedry: Filozofická fakulta, Katedra romanistiky

Název bakalářské práce: Fado do século XX

Vedoucí bakalářské práce: Mgr. Kateřina Ritterová Ph.D.

Počet znaků: 77 961 (65 445 bez mezer)

Počet příloh: 0

Počet titulů a literárních zdrojů: 28

Klíčová slova: fado, zcenzurované písně fado. José Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Amália Rodrigues, 20. století, Salazar, cenzura, revoluční písně, intervenční písně Fado, diktatura

Abstrakt: Tato bakalářská práce se zabývá hudebním portugalským stylem fado. Na pozadí historického kontextu Portugalska shrnuje jeho vývoj od první poloviny 19. století až do revolučního roku 1974. V jedné ze čtyř kapitol jsou představeni tři interpreti portugalského fada 20. století, jejichž tvorba podlela cenzuře diktrátorského režimu Antónia Salazara. Stěženi částí této práce je závěrečná analýza vybraných textů písní výše zmiňovaných autorů, ze které následně vyplývají motivy, kvůli kterým byly tyto texty zcenzurovány.

Annotation

Name and surname: Tereza Marková

Name of faculty and department: Faculty of Philosophy, Department of Romance

Name of the bachelor thesis: Fado do século XX

Head of the bachelor thesis: Mgr. Kateřina Ritterová Ph.D.

Number of characters: 77 961 (65 445 no spaces)

Number of attachments: 0

Number of titles and literary sources: 28

Keywords: fado, censored fado songs, José Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Amalia Rodrigues, 20th Century, Salazar, Censorship, Revolutionary Songs, Intervention Songs, Fado, dictatorship

Abstract: This bachelor thesis deals with the musical portuguese fado style. Against the background of the historical context of Portugal, it summarizes its development from the first half of the 19th century until the revolutionary year of 1974. In one of the four chapters are presented three interpreters of the Portuguese fado of the 20th century, whose work crushed the dictatorial regime of António Salazar. Removing part of this work is a final analysis of selected texts of the songs from the above-mentioned authors, from which are followed the motifs for which these texts were evaluated.